

O FRANCO PALADINO

**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO
CODIFICADO PELO MESTRE ALLAN KARDEC**

Distribuição gratuita = Tiragem: 200 exemplares
NITERÓI/RJ = ANO VI = Nº 66 = DEZEMBRO DE 2008

ASSIM FALOU ALLAN KARDEC (Sobre Jesus, o Homem de Nazaré)

“Para o homem Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo ofereceu como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a expressão mais pura da Lei de Deus, porque ele, Jesus, estava animado do Espírito divino e era o mais puro que apareceu na Terra.

“Quanto aos que, pretendendo instruir o homem na lei de Deus, o têm transviado, ensinando-lhe falsos princípios, isso aconteceu por haverem deixado que os dominassem sentimentos demasiado terrenos e por terem confundido as leis que regulam as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos têm apresentado como leis divinas simples leis humanas estatuídas para servir às paixões e dominar os homens”. (L.E. nota do número 625)

“Sem nada prejudicar sobre a natureza do Cristo, e, não o considerando, por hipótese, senão um Espírito superior, não se pode impedir de se reconhecer nele um daqueles de ordem mais elevada e que está colocado, pelas suas virtudes, bem acima da Humanidade terrestre...

“Como homem, Jesus tinha a organização dos seres carnis, mas, como Espírito puro, desligado da matéria, deveria viver a vida espiritual mais do que a vida corpórea (...) A superioridade de Jesus sobre os homens não se prendia às particularidades de seu corpo, mas às de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e à de seu perispírito haurida na parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres.

“A alma de Jesus não devia prender-se ao corpo senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desligada da matéria, devia dar-lhe uma dupla vista não somente permanente, mas também de uma penetração excepcional e muito superior

àquela que se vê entre os homens comuns (...) A qualidade desses fluidos lhe dava uma imensa força magnética, secundada pelo desejo incessante de fazer o bem”. (A Gênese, cap. XV, nº 2)

“O aparecimento de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passou com sua mãe, como nas condições comuns da vida. Do seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, apresenta os caracteres inequívocos da corporeidade...

“Se Jesus estivesse, durante sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria sentido nem a dor, nem nenhuma das necessidades do corpo. Supor que assim não haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolheu como exemplo de resignação.

“Se tudo nele não era senão aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para afastar o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo enfim, até a sua última exclamação no momento de entregar o Espírito a Deus, não teria sido senão um vão simulacro, para enganar sobre a sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, uma comédia indigna de um simples homem honesto, com mais forte razão de um ser tão superior; em uma palavra, ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade.

“Tais são as conseqüências lógicas desse sistema, conseqüências que não são admissíveis porque o abaixam moralmente ao invés de o elevar.

“Jesus teve, pois, como todos nós, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que atestam os fenômenos materiais e os fenômenos psíquicos que assinalaram a sua vida... (Continua na pág. 2).

(Continuação da pág. 1)

“Essa idéia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século, os Apolinaristas já pretendiam que Jesus não tomara na Terra um corpo como o nosso, de carne e osso, mas sim, um corpo fluídico, impassível, que desceu do céu no seio da santa Virgem e não era nascido dela. Assim, Jesus não teria nascido, não teria vivido, nem teria morrido senão em aparência.

“Entretanto, os apolinaristas foram anatematizados no Concílio de Alexandria, em 360, no de Roma, em 374 e no de Constantinopla, em 381.

“Antes deles, já os docetas, seita numerosa dos Gnósticos, pensavam da mesma forma que os apolinaristas” (A Gênese, cap. XV, ns. 65 a 67).

NOSSO COMENTÁRIO

Como se vê, Allan Kardec, o único e verdadeiro Missionário da Terceira Revelação, em sua última obra, A Gênese, que aparece sempre nos grupos de estudo doutrinários, nos centros espíritas e nos congressos e seminários, convocados e presididos pela FEB e seu CFN, fez questão de ser categórico, ao afirmar que nós, adeptos da Doutrina Espírita, não podemos aceitar, de modo nenhum, a idéia dos apolinaristas e dos docetas da Antiguidade, restaurada no século XIX pelo advogado de Bordéus, o Dr. J. B. Roustaing e seguida na atualidade pelos roustainguistas.

Para nós, espíritas kardecistas, adeptos sinceros e leais da doutrina do Codificador, Jesus de Nazaré foi homem como todos nós, de carne e osso; nasceu, viveu e morreu como todos nós nascemos, vivemos e vamos também morrer um dia, de acordo com a lei natural e divina. Portanto o nascimento de Jesus não foi um milagre de Deus ou obra do Espírito Santo, como afirmam os católicos, protestantes e roustainguistas. Maria, esposa legítima de José, ficou grávida dele; trouxe no seu ventre, durante nove meses, um feto, fruto de um amor conjugal legítimo e deu à luz, sofrendo as dores do parto, como qualquer mulher. E não permaneceu virgem, como se afirma erradamente, pois perdera a virgindade no seu encontro de amor com José.

Portanto, já é hora de os febeanos, dirigentes da FEB, que se declaram,

hipocritamente, adeptos de Allan Kardec, arrancarem a máscara de Tartufos, que passaram a usar depois do famigerado “encontro” de 5 de outubro de 1949, mais conhecido como “Pacto Áureo”, e se apresentarem perante a comunidade espírita nacional e internacional, como verdadeiros adeptos do Espiritismo.

A GRAVIDEZ E O PARTO DE MARIA SEGUNDO ROUSTAING

“A gravidez de Maria foi obra do Espírito Santo, e, como tal, aparente e fluídica, de maneira a produzir a ilusão e fazer crer numa gravidez real.

“Assim, só aparência de gravidez houve em Maria. A gravidez foi apenas aparente, fluídica, sendo a intumescência do ventre produzida por uma ação fluídica, efeito do magnetismo espiritual.

“Seu parto foi igualmente obra do Espírito Santo e só se deu na aparência, tal como a gravidez. Tanto quanto da gravidez, Maria teve a ilusão do parto. Era necessário que ela acreditasse nessa ilusão. Para isso ela foi colocada sob a influência magneto-espírita”. (Ver “Os Quatro Evangelhos” de J. B. Roustaing, tradução de Guillon Ribeiro, 6ª edição, vol. I, págs. 105 e 196)

“Maria tinha que crer num parto real. Por isso os Espíritos prepostos a puseram sob a influência magneto-espírita semelhante a de um sonâmbulo que vê e acredita no que se quer que ele veja e acredite.

“A fim de dar a Maria a ilusão do parto e da maternidade, os Espíritos a fizeram experimentar os efeitos semelhantes às contrações naturais em um parto normal.

“No momento em que Jesus nasceu, Maria tomou nos braços o bebê, como se o parto fora real, crente assim de que ele era fruto de suas entranhas.

“Maria era quase uma criança e, portanto, pouco experiente das coisas humanas..

“A gravidez e o parto de Maria não tiveram, da sua marcha natural, senão a aparência da realidade”.(idem, ibidem, págs. 199 e 200)

“Fácil teria sido produzir nos homens que porventura assistissem Maria na hora de dar à luz, a ilusão do seu parto. Mas a isso se opunha o prestígio misterioso de que devia cercar-se o ‘nascimento’ de Jesus. Maria estava só no momento. (Continua na pág. 3)

(Continuação da pág. 2)

“Fácil era dar a ilusão àquele Espírito cuja existência material apenas começava, pois ela era ignorante das leis da matéria, mesmo porque Maria se via privada de quaisquer socorros humanos. Ela tinha, pois, que acreditar num parto real. Mas, na verdade não foi real, mas, sim, aparente. (idem, ibidem, pág. 202)

NOSSO COMENTÁRIO

Como se vê, e ficou bem claro para quem tem olhos de ver, Maria foi magnetizada e caiu em sono hipnótico profundo. E foi fácil que isso acontecesse, porque era uma criança ainda e, como toda criança, acredita facilmente naquilo que se diz para ela ser uma coisa real, mesmo que seja uma pura ilusão. Se até um adulto é passível de ser hipnotizado, quanto mais uma criança.

Foi por isso que, sob efeito hipnótico, Maria acreditou, piamente, que o filhinho recém-nascido que trazia nos braços, era mesmo um neném de carne e osso, quando, na verdade, segundo Roustaing, não era. Ela estava em crise de sonambulismo e foi obrigada a acreditar numa ilusão, numa mentira...

E dizer que ainda há, dentro do movimento espírita brasileiro, pessoas inteligentes, cultas, preparadas, que acreditam numa bobagem dessas!

É incrível, mas é verdade!

Agora, o pior de tudo é que, por causa do mito da unificação, criado pelo tal do “Pacto Áureo”, abençoado por Emmanuel e pelo Chico, os que se declaram verdadeiros espíritas aceitam, humildemente, que o nosso movimento espírita continue sendo orientado e dirigido por uma instituição que é kardecista, mas também é roustainguista, descumprindo assim, vergonhosamente, o preceito evangélico de Jesus, que deixou bem claro: “- Ninguém pode servir a dois senhores”, como se lê no Evangelho de Lucas, cap. XVI, v. 13 e no Evangelho segundo o Espiritismo de Allan Kardec, cap. XVI.

E POR FALAR NO MITO DA UNIFICAÇÃO!

Em abril de 2004 a UMEN-União Municipal Espírita de Nilópolis/RJ lançou, em 1ª edição, pela Gráfica do Centro Espírita “Léon Denis”, do Rio de Janeiro, um livro,

organizado por Lydienio Barreto de Menezes, intitulado “Espíritas e Espíritos falam de Unificação”.

A obra está dividida em duas partes.

Na primeira, fala das bases da Unificação, dos 55 Anos do Pacto Áureo, dos Órgãos e Agentes de Unificação e dos fatos significativos que criaram e desenvolveram o trabalho de unificação, desde 1865 até 1992. E, como não poderia deixar de ser, apresenta uma entrevista concedida por Divaldo Pereira Franco, em que ele se pronunciou favorável à unificação.

Na segunda parte, apresenta várias mensagens espíritas psicografadas por Chico Xavier, Divaldo Franco, Julio César Grandi Ribeiro, a começar, é claro, e nem poderia ser de outra forma, pelo Espírito do padre jesuíta Manuel da Nóbrega, sob o pseudônimo de Emmanuel. Esta foi psicografada por Chico e inserida nos Anais do II Congresso Espírita Mineiro, realizado em 3 de outubro de 1952.

Não podemos deixar de reconhecer que se trata de um bom trabalho de pesquisa feito pelo autor sobre esse tema: Unificação..

Mas, para mim, trata-se na verdade de um verdadeiro panegírico disso que sempre considerei e continuo considerando um mito.

Portanto, prefiro ficar com o que disse J. Herculano Pires: “ – O silêncio estabelecido pelo ‘Pacto Áureo’ deu resultados negativos, pois toda uma geração espírita se formou nesse período e agora está sendo colhida de surpresa pela ‘novidade’ do roustainguismo.

“Por isso, e pelas suas conseqüências desmoralizadoras, é necessário que os espíritas sinceros não se calem. É preciso dizer, alto e bom som, nas palestras e nas conferências, nos artigos e nos livros, a verdade sobre a obra de Roustaing (...) Não é possível calar, diante da astúcia dos mistificadores e da fascinação dos que aceitam e aplaudem a obra ‘Os Quatro Evangelhos’ de J. B. Roustaing.

“É dever dos espíritas sinceros combater a mistificação roustainguista. Ou arrancamos o joio da seara ou seremos coniventes na deturpação doutrinária que continua maliciosamente a ser feita.

“O Cristo agêner (corpo fluídico) é a ridicularização do Espiritismo” (“O Verbo e a Carne”, de J. Herculano Pires e Júlio Abreu Filho – 2ª edição – pág. 60 da parte I)

POR QUE DEVEMOS ASSISTIR AO FILME SOBRE BEZERRA DE MENEZES

Este é o título de um excelente artigo de autoria de Fernando Climaco Santiago Maciel, de Pernambuco, transcrito no jornal “Comunicação Espírita” nº 69.- Ano XII

Ele faz um comentário muito bom sobre o apelo insistente que se fez via Internet, convocando os espíritas para que compareçam maciçamente nos cinemas, garantindo assim uma boa bilheteria e a permanência do filme em cartaz por mais tempo.

Na verdade, como diz Fernando Climaco “o cinema é um dos meios universais de comunicação e não há como ‘produzir’ platéia artificialmente.

“Cabe-nos refletir como líderes, formadores de opinião, no *modus operandi* da nossa divulgação doutrinária, que tem circulado, quase exclusivamente, de espíritas para espíritas, sem conseguir dialogar com a sociedade”.

E, procurando deixar bem claro seu comentário, ele diz: “Espíritas oradores fazem palestras para espíritas que dizem ‘assim seja’ no final. Espíritas ensinam nos seminários e fóruns para espíritas que assistem e aplaudem. Espíritas e Espíritos, publicadores de livros, escrevem para espíritas leitores que lêem e compram outro livro espírita, logo em seguida.

“Espíritas compositores, escrevem suas músicas espíritas para espíritas que ouvem e aplaudem os músicos espíritas. Espíritas atores protagonizam romances espíritas para espíritas que assistem e aplaudem, enquanto aguardam a próxima peça espírita para ir ao teatro de novo.”

E tem mais, acrescenta o ilustre confrade: “A linguagem que usamos na maioria desses momentos de comunicação é um português recodificado para um dialeto que os próprios espíritas não utilizam no cotidiano, repleto de expressões e ênfases incomuns, linguagem rebuscada e cheia de sinônimos desnecessários e de difícil compreensão para a maioria das pessoas...”

Mais adiante, o Sr. Fernando Climaco diz com muita propriedade: “No campo da literatura espírita, vivemos uma avalanche de publicações comerciais de baixa qualidade, boa parte auto-intitulada ‘mediúnica’ e não

questionamos. Na hora de comprar livros de autores não espíritas (se é que fazemos isto!), exigimos qualidade e originalidade e o autor nem precisa ter morrido. O conteúdo, afinal, é o mais importante (ou não é ?!).

“Vivemos uma completa dubiedade, com comportamentos distintos, de acordo com o meio, como se na convivência com outros espíritas, entrássemos numa dimensão com outra linguagem, outros padrões, outras regras, e aí não vivemos o mundo como ele é, tornando-nos um gueto, um partido, uma casta encaixotada pelos conceitos que deveriam ser rota para a liberdade.

“Tomamos posse da Doutrina e temos dificuldade de compartilhá-la fora dos modelos comportamentais e de linguagem moldados nos últimos 150 anos. Vale ressaltar que Kardec não escreveu para espíritas (até porque nem existiam ainda espíritas), mas, sim, para os homens e mulheres da sociedade francesa e europeia da época, com uma linguagem universal, rica em comparações e exemplos, sem jargões e acessível a todos de seu tempo....”.

No final do seu brilhante artigo, o Sr. Fernando Climaco diz que espera que o filme sobre a vida e a obra de Bezerra de Menezes bata recordes de bilheteria por sua qualidade, por um marketing bem feito e pela atuação de autores do quilate de um Vereza. Que o público sintam-se atraído pela própria magia do cinema que entretém multidões.

“Dessa forma”, conclui ele, “ficaremos duplamente felizes pela divulgação da vida do extraordinário Bezerra de Menezes e por ver uma iniciativa espírita com capacidade de concorrer e ocupar os espaços da mídia por sua qualidade e pela competência de sua produção”.

NOSSO COMENTÁRIO

Muito bem, prezado confrade, apreciamos muito suas reflexões e concordamos com tudo que o Sr. disse sobre o filme, exaltando a figura brilhante do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, um dos pioneiros do Espiritismo, que, quando no plano físico, realizou um belo trabalho de assistência às pessoas carentes, pelo que foi cognominado o “médico dos pobres”. Sendo católico fervoroso, soube enfrentar com coragem o preconceito religioso, e, publicamente, se declarar espírita.

OS GRANDES INICIADOS

Este é o título de uma grande obra, uma obra clássica, que os espíritas de hoje não conhecem, porque, em geral, só se preocupam em ler e divulgar as mensagens espirituais do padre jesuíta Manuel da Nóbrega e da freira Joanna de Angelis, no que estão no seu direito incontestável, é claro.

Vocês, prezados leitores, sabem quem foi Eduardo Schuré? Sabem quais são os “Grandes Iniciados”, cujas vidas ele descreve nessa sua famosa obra?

Se não sabem, precisam saber e nós vamos ajudá-los nesse estudo, com a maior boa vontade.

Édouard Schuré nasceu na Renânia, em janeiro de 1841, filho de alemães. Cedo ainda, aos cinco anos de idade perdeu a mãe, e, aos quatorze anos, perdeu também o pai, ficando desde então sob a tutela do avô materno, o prof. Bloechel, que lhe incutiu o gosto pela poesia, pela literatura, pela música, pela filosofia e pela história. Passou então a ler e estudar os grandes clássicos da Antiguidade, da Idade Média e dos Tempos Modernos. O poema “Fausto” de Goethe exerceu grande influência sobre ele.

Escreveu várias obras de diversos gêneros literários, todas muito aplaudidas, mas a que, na verdade, lhe deu fama e imortalidade foi a que se intitula “Os Grandes Iniciados”, lançada em Paris, em primeira edição, em 1889, que foi traduzida em vários idiomas e vem sendo lida e estudada, com muito interesse, em todo o mundo.

Édouard Schuré desencarnou em 7 de abril de 1929, consagrado como um grande pensador da Teologia, como nos informa seu biógrafo Mário Lobo Leal.

Meu querido e saudoso pai, Severino de Freitas Prestes Filho, tinha grande admiração por ele, cuja obra supracitada já conhecia antes mesmo de se tornar espírita. Foi ele quem me deu de presente de aniversário um exemplar de “Os Grandes Iniciados” – que venho lendo e consultando há anos, com muito prazer e alegria.

Entre os Grandes Iniciados apontados por Édouard Schuré, aparecem: Ram, um sacerdote druida, Crisna Murty, Hermes, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão e Jesus.

Sim, Jesus, o Homem de Nazaré, foi reconhecido por Édouard Schuré, como um dos Grandes Iniciados. E é no cap. VIII do 2º vol. que ele fala sobre sua missão; como era o mundo, quando Jesus nasceu; os primeiros tempos de Jesus ; Jesus entre os essênios; a vida pública de Jesus; a luta que manteve contra os fariseus; a ceia, o processo e a morte na cruz.

Vamos ver, em síntese, o que ele diz a respeito.

A missão de Jesus, na Terra, não foi abolir a Lei de Deus, ou os Dez Mandamentos, ditados a Moisés no monte Sinai, mas, ao contrário, dar-lhe cumprimento.

Na época em que Jesus nasceu, o mundo antigo estava todo dominado pelos imperadores romanos, que se apresentavam como verdadeiros deuses. Mas, a palavra do profeta Isaías, anunciando a chegada do Salvador ou Messias, continuava prevalecendo entre os judeus.

Jesus nasceu em Nazaré, cidade da Galiléia, filho de Maria, de família nobre, filiada aos Essênios e era casada com o carpinteiro José.

Jesus foi um menino desde cedo consagrado a uma missão profética, por isso mesmo identificado como *nazareno*.

Pequeno ainda, deixou-se impressionar bastante pelo sofrimento do povo, motivado pela desigualdade social, e, estando em retiro num monte da Galiléia, elevou seu pensamento a Deus e gritou: “- Pai celestial, quero saber, quero curar, quero salvar!”

Entretanto, o que ele queria saber só podia aprender com os Essênios, seita que, no tempo de Jesus, era a última restante da confraria dos profetas, organizada por Samuel. E eles se refugiaram nas montanhas para se manterem bem distante do despotismo dos senhores da Palestina.

Jesus passou vários anos com os Essênios. Submeteu-se à disciplina deles; estudou os segredos da natureza; exercitou-se na terapêutica oculta; dominou seus sentidos para desenvolver o Espírito. Todos os dias ele meditava nos destinos da humanidade.

Terminado o período de iniciação voltou para a Galiléia, a fim de cumprir sua missão de curar males físicos e morais. Tornou-se, portanto, um grande iniciado dos poderes ocultos, ... (Continua na pág. 6)

(Continuação da pág. 5)

... apresentando-se como o Messias anunciado pelos profetas judeus.

Certa vez, quando passava à margem do rio Jordão, encontrou-se com João Batista que não era um essênio, mas, sim, um profeta popular da Judéia, que reconheceu em Jesus o Messias cuja chegada vivia anunciando ao povo.

Por ter combatido a desigualdade de classes, o poder nas mãos dos ricos e poderosos, os preconceitos raciais e sociais; por ter criticado os doutores da lei, à frente dos quais estavam os fariseus e os saduceus; por ter pregado a paz e o amor ao próximo a um povo que se preparava para a guerra e via no aparecimento do Messias um chefe que o levaria à vitória contra os judeus e os romanos, o que, entretanto, não aconteceu; por ter combatido a ambição, o orgulho, a vaidade, o egoísmo; por tudo isso e muito mais, Jesus, o grande iniciado essênio, foi traído, preso, condenado e morto no monte calvário, como se fosse um criminoso vulgar.

NOSSO COMENTÁRIO

É costume dizer-se que Jesus morreu para salvar o mundo, o que, entretanto, até hoje ainda não aconteceu. O mundo está cada vez mais perdido, envolto em guerras e revoluções.

Por outro lado, Jesus, que foi um homem pobre, simples e humilde, tendo mesmo declarado a Pilatos que seu reino não era deste mundo, hoje, na Pátria Espiritual para onde todos vamos um dia, está vendo, triste e profundamente decepcionado, que, em seu nome, foi criado, por aqueles que se dizem seus adeptos e continuadores, um verdadeiro reino com capital em Roma, onde o soberano pontífice, defendido pela Guarda pretoriana suíça, se apresenta às multidões como um verdadeiro monarca.

Só sai pelas ruas da antiga capital do Império romano, transformado na Idade Média em Império cristão católico, por obra de Constantino e do papa da época, em veículo brindado. E só viaja em avião de luxo, para visitar os países ditos “cristãos”, onde vivem seus súditos. Estes, ao verem-no passar, trajado ricamente e seguido por uma bela e vistosa comitiva, se ajoelham, como se estivessem diante do próprio deus e se desmancham em lágrimas e orações!...

“O MESTRE CHICO XAVIER”

Este é o título de um livro escrito por Luiz Eduardo Matos, um fanático admirador do famoso médium mineiro, para quem o Chico foi “o maior médium de todos os tempos”.

Quero deixar bem claro nesta coluna que discordo completamente dessa afirmação que considero muito exagerada e, sobretudo, absurda, já que, pelo mundo espírita, nacional e internacional, passaram tantos grandes médiuns, que deixaram obras maravilhosas, até hoje lidas e admiradas e continuarão sendo procuradas pelas futuras gerações de espíritas.

Na minha modesta, mas sincera opinião, Chico foi, sim, uma grande figura humana, e, sobretudo, um grande médium, instrumento da espiritualidade superior. Mas não foi absolutamente o maior de todos.

E também, para mim, ele não foi um “mestre” em Espiritismo. Ele próprio confessou que tudo que escrevia e falava não saía de dentro de si; vinha de Emmanuel, o padre jesuíta Manuel da Nóbrega, do médico André Luiz e de outras entidades espirituais.

Nem pode ser considerado um “mestre” quem, na vida terrena, “apenas cursou o primário”, como afirma o autor, logo no prefácio. Jamais chegou ao ginásio e muito menos ao curso superior. Não conhecia nada da História da Humanidade, da vida e obra dos grandes pensadores, nacionais e estrangeiros.

Para mim, o grande Mestre em Espiritismo foi Allan Kardec, o único e verdadeiro Missionário da Terceira Revelação, e, depois dele, Léon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, Ernesto Bozano, Charles Richet, e muitos outros, que deixaram obras de mestres.

No Brasil meus grandes mestres têm sido Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutell, Luciano Costa, Júlio Abreu Filho, Ricardo Machado, Henrique Andrade, Carlos Imbassahy (pai), José Herculano Pires, Deolindo Amorim, Gélio Lacerda da Silva, Francisco Klörs Werneck, e, sobretudo, meu querido e saudoso pai, Severino de Freitas Prestes Filho, de quem tenho muitas palestras gravadas em CDs e cujas “Memórias” serão lançadas em 1910.

ORACÃO DO NATAL

“Vem, Jesus, Divino Amigo,
vem trazer a tua paz.
Só tu és o nosso abrigo,
que venturas mil nos traz.
Vem, ó meigo Nazareno,
este mundo consolar,
vem com teu olhar sereno
toda a terra iluminar,
afastar do mundo a guerra,
o chacal devorador,
que destrói tudo na terra,
espalhando luto e dor.
Há gemidos de aflição.
Já não há mais primavera.
Crianças pedem pão,
homens lutam como feras.
Vem, ó Grande Iniciado
reflorescer os caminhos!
Vem, Jesus, ó mestre amado,
perfumar os corações;
exterminar toda dor
causada pelos canhões!
Vem, Jesus, Irmão maior,
com teu amor tão profundo,
clarear as consciências
e fazer feliz o mundo!...”

(Autor desconhecido)

NOSSAS PALAVRAS DE FIM DE ANO

Aproveitamos o mês em que se comemora o Natal do Homem de Nazaré, nosso Mestre muito amado, Jesus, para lhe pedir que interfira junto a Deus, a “Inteligência Suprema do Universo, causa primeira de todas as coisas”, para que os homens que se dizem civilizados reconheçam os erros que estão cometendo há séculos. E acabem de uma vez por todas com esses atos de violência que vêm praticando.

É triste, bastante desolador, o espetáculo a que assistimos, diariamente, através da mídia: atos de terrorismo em toda a parte, resultando na morte de inocentes e destruição das cidades, das matas e florestas, dos mares, rios e lagoas

O que mais se vê hoje em dia, em pleno alvorecer do século XXI, são gestos de verdadeiros selvagens, praticados dentro dos lares, nos grupos sociais, nas instituições públicas e particulares e até nos grupos religiosos. Em toda a parte predominam: a inveja, a ambição, o egoísmo, a mentira, a violência, a corrupção, a riqueza, o poder.

Mas não foi isto que tu pregaste, ó Mestre amado, há dois mil anos atrás. Muito pelo contrário!

Tuas palavras, teus discursos, tuas mensagens, de Espírito Superior, encarnado no corpo de um grande homem, um sábio, um iniciado das grandes verdades, um transformador social, um revolucionário no bom sentido da palavra, foram muito diferentes.

Viveste e morreste pregando a paz, o amor, a bondade, a reconciliação, o perdão, pois falavas em nome de Deus, Supremo Arquiteto do Universo.

Mas os homens, que vêm em ti, Jesus amado, o próprio Deus, colocando-te como sendo a Segunda

Pessoa da Santíssima Trindade; os homens que se ajoelham diante da tua imagem de pedra e acompanham contritos as procissões promovidas pelos magnatas que se apresentam em templos de ouro e nas grandes catedrais e andam viajando pelo mundo em seus aviões de luxo e se dizem teus representantes, esses não cumprem os mandamentos de Deus, nosso Pai, ditados a Moisés no Monte Sinai; mandamentos que tu, Mestre querido, deixaste bem claro que vieste cumprir e não destruir.

O Brasil, nossa Pátria amada e idolatrada, é bem um exemplo disto que estou falando. Nasceu em 1500, mostrando no céu o símbolo da cruz. Era, portanto, a Pátria do Cruzeiro, abençoada por Frei Henrique de Coimbra e protegida pelo Padre jesuíta Manoel da Nóbrega. Cinco séculos depois, se transformou na Pátria do Evangelho, abençoada e protegida pelo Cordeiro de Deus, conforme declarou Humberto de Campos (Espírito), com o aval de Emmanuel, do médium Chico Xavier e dos roustinguistas que dirigem a Federação Espírita Brasileira e orientam o nosso movimento.

E o que vemos aqui? Nada mais do que violência, violência, violência. Além disso, outras qualidades inferiores: ganância, corrupção, mentiras, hipocrisia, maldade, inveja, calúnia, exploração humana até por parte de gente da igreja, assaltos, roubos, atos de covardia, de desrespeito ao próximo, vandalismo etc. etc. etc.

Estaremos mentindo?! Estaremos exagerando?! Claro que não! Basta passar os olhos pelos jornais e revistas que circulam diariamente, para se ter a consciência de que o Brasil não é nem nunca foi a Pátria do Evangelho, porque, em sua grande maioria, os que vivem aqui não cumprem o teu Evangelho, não se lembram mais das tuas mensagens de paz, de amor e de fraternidade.

É triste reconhecer isto, mas é a verdade.

Apesar de tudo, ó Mestre amado, grande Homem inspirado por Deus, grande vulto do passado, do presente e também do futuro, nós pedimos a tua proteção, o teu amor, o teu carinho.

E fazemos isto no mês do teu aniversário ocorrido no dia 25 de dezembro.

Obrigado, Jesus amigo, muito obrigado!

**EM HOMENAGEM AO HOMEM DE NAZARÉ,
JESUS, NOSSO AMADO MESTRE E AMIGO
ESPIRITUAL,**

**DESEJAMOS A TODOS OS NOSSOS
LEITORES QUERIDOS**

FELIZ NATAL

E

PRÓSPERO ANO NOVO!

“O FRANCO PALADINO” – Órgão de Divulgação do Espiritismo Codificado pelo Mestre Allan Kardec
Responsável: Prof. Erasto de Carvalho Prestes
Endereço: Rua Visc. de Moraes nº 159 (7º andar)
☎(0XX21)2719-8022 --- (CEP = 24.210-145)
E-mail: erastoprestes@urbi.com.br
Assistente de Informática: Erasto Magno L. Prestes